

Proponente: Júlia Scarano de Mendonça

Área da Psicologia: Psicologia do Desenvolvimento

ANÁLISES COMPLEMENTARES DA DEPRESSÃO PÓS-PARTO: CORRELATOS FAMILIARES, HORMONAIS E DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR DA CRIANÇA

Justificativa: A depressão pós-parto tem sido continuamente investigada nos últimos anos devido à alta prevalência no mundo todo, em especial nos países mais pobres cuja população vive em piores condições de vida, e pelo seu impacto no bem estar das famílias. Apesar do grande número de estudos voltados à temática da depressão pós-parto em todo o mundo, há ainda muitas questões que necessitam de um maior entendimento. O presente simpósio reúne pesquisadores de diferentes formações, laboratórios de pesquisa e inserções institucionais e pretende oferecer análises complementares da depressão pós-parto com o objetivo de integrar o conhecimento. As pesquisas que serão apresentadas inserem-se em um projeto Temático FAPESP - Processo 06/59192-2) cujo objetivo é verificar a prevalência de depressão pós-parto materna (DPP) em São Paulo, relacionando-a com condições de suporte (material, afetivo e emocional), fase de vida reprodutiva da mãe assim como ao seu padrão de interação com os bebês, ao seu perfil hormonal e a marcadores genéticos. O projeto acompanhou longitudinalmente 400 mães, atendidas pelo sistema público de saúde, desde a gestação até os quatro anos de idade da criança. A grande maioria dos estudos sobre DPP foram realizados no hemisfério norte, sendo necessária uma maior compreensão da DPP em outros contextos sociais, especialmente, em condições sociais adversas. O primeiro trabalho (Mendonça, Bussab & Siqueira) analisa o contexto familiar dessas mães, com foco no papel do parceiro no quadro da DPP e demonstra a influência do parceiro na constituição da DPP e a inter-relação entre os comportamentos da mãe, do parceiro e da criança de forma a reiterar a importância do estudo sistêmico da DPP. O segundo trabalho (Chelini, Lucci & Otta) demonstra que uma baixa concentração de TSH, em mães com histórico prévio de depressão, aumenta significativamente o risco de DPP enquanto que uma concentração elevada de progesterona dois dias após o parto, em mães que nunca sofreram de depressão, pode estar associada a um risco maior de DPP, abrindo portas para a possibilidade de detecção precoce do risco de DPP a partir da análise hormonal. O terceiro trabalho (Salum e Moraes) demonstra que o efeito da DPP sobre o desenvolvimento psicomotor das crianças no primeiro ano de vida é pequeno, e remete à necessidade de analisar outros fatores que possam estar mediando as relações mãe-bebê, sendo, porém, o momento e/ou a duração da depressão fatores importantes a se considerar em estudos a respeito da influência da depressão materna sobre o comportamento da criança. O conjunto dos trabalhos demonstra que a compreensão da DPP só é possível a partir de uma visão integrada entre os diversos elementos envolvidos no quadro da DPP e indica aspectos peculiares que merecem ser alvo de maior entendimento e de aplicação a políticas de prevenção e intervenção.

Projeto subsidiado pela FAPESP - processo 06/59192-2

Palavras-chave: Depressão pós-parto, família, hormônios

PD, P

DES, SMENTAL

Coordenador: Júlia Scarano de Mendonça

PERCEPÇÃO MATERNA SOBRE O COMPORTAMENTO DO PARCEIRO NO CONTEXTO DA DEPRESSÃO PÓS-PARTO: ESTUDOS COM MÃES PAULISTAS DE BAIXA RENDA. Júlia Scarano de Mendonça, Vera Sílvia Raad Bussab e José de Oliveira Siqueira (Departamento de Psicologia Experimental, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP).

A depressão pós-parto materna (DPP) tem sido frequentemente considerada um distúrbio emocional com sérias implicações para a mãe e o bebê. Predominam estudos com foco exclusivo na mãe e na criança, sendo o parceiro e outros membros da família menos estudados. Estudos recentes apontam associações entre a DPP e disfunções familiares e sugerem a ocorrência de um “distúrbio psicossocial na família” associado à depressão. O presente trabalho, inserido em um Projeto Temático FAPESP é composto por uma série de estudos que têm como objetivo compreender o papel da família, e mais especificamente o do parceiro, no quadro da DPP. Quatrocentas famílias de baixa renda atendidas pelo Hospital Universitário da USP e pelo SUS participaram dos estudos. A depressão pós-parto materna foi avaliada pela Escala de Depressão Pós-natal de Edinburgh aos 4, 8, 24 e 36 meses. Entrevistas (gestação, 4, 8, 12, 24 e 36 meses) foram realizadas para coletar informações sobre a relação conjugal e coparental, e o nível de envolvimento do parceiro na família. O primeiro estudo demonstrou associação entre percepção materna de pouco conflito conjugal com ausência de DPP e percepção de níveis mais altos de conflito na presença de DPP aos 4 e 8 meses da criança, o que levantou a questão sobre o sentido da associação entre DPP e conflito conjugal: o segundo estudo testou a hipótese da bidirecionalidade desses efeitos. Contrariamente ao esperado, não foram encontradas relações bidirecionais entre conflito conjugal e DPP. A DPP teve um impacto no conflito conjugal aos 4 e aos 24 meses da criança, enquanto que o conflito conjugal não influenciou a DPP em nenhum dos momentos testados, não se apresentando como fator determinante da DPP. O terceiro estudo demonstrou menor incidência de DPP aos quatro meses associada à presença do parceiro durante o trabalho de parto, o parto e a ajuda em casa durante o primeiro ano de vida da criança, sugerindo que o envolvimento do parceiro traz benefícios para o bem estar da mãe. O quarto trabalho considerou os sintomas depressivos de ambos os pais e demonstrou que mães sem sintomas depressivos aos 4 e aos 36 meses da criança percebem os comportamentos do parceiro de maneira mais positiva do que mães deprimidas. Na presença de sintomas depressivos nos parceiros aos 36 meses, as mães percebem mais negativamente os comportamentos do parceiro relacionados à vida conjugal, mas não aqueles relacionados aos cuidados com a criança sugerindo que a depressão do parceiro afeta os subsistemas marido-mulher e pai-criança de forma diferente. O conjunto dos trabalhos sugere a influência do parceiro na constituição da DPP e reitera a necessidade de se estudar os comportamentos dos membros da família de forma interdependente, em consonância com abordagens sistêmicas do desenvolvimento humano.

Projeto subsidiado pela FAPESP - processo 06/59192-2

Palavras chave: Depressão pós-parto, relação marido-mulher, relação pai-criança

PD

DES, SMENTAL

2º Apresentador: Marie Odile Monier Chelini

DEPRESSÃO PÓS-PARTO: POTENCIAIS INDICADORES ENDÓCRINOS. Marie Odile Monier Chelini, Tania K. Lucci** e Emma Otta (Laboratório de Endocrinologia Comportamental, Departamento de Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP).

Os riscos associados à depressão pós-parto (DPP), tanto para a mãe como para seu relacionamento com o bebê e o desenvolvimento deste já foram amplamente demonstrados na literatura. Diversos estudos sugerem que os efeitos deletérios da DPP sobre a criança poderiam antecipar o próprio diagnóstico do distúrbio, geralmente estabelecido alguns meses após o nascimento. A etiologia deste distúrbio ainda não está claramente elucidada, a não ser quanto à complexidade e o caráter multifatorial. Além das condições de suporte e da história de vida da mulher, aspectos endócrinos têm sido apontados como possíveis fatores de risco para a DPP. Neste contexto, intervenções precoces visando a prevenir os efeitos deletérios da DPP são dificultadas e a investigação de indicadores precoces da DPP se reveste de fundamental importância. O presente estudo inscreve-se no âmbito de um projeto de pesquisa mais amplo envolvendo gestantes cujo parto seria realizado no HU da USP. Nosso objetivo específico era comparar mães com e sem DPP quanto ao seu perfil hormonal e pesquisar potenciais indicadores precoces de DPP. Amostras de sangue foram coletadas das mães durante o trabalho de parto, 2 dias após o parto e 4 meses depois. Estas amostras foram analisadas quanto à concentração de nove hormônios (estradiol, progesterona, testosterona, cortisol, sulfato de dehidroepiandrosterona (DHEAs), hormônio tireotrófico (TSH), triiodotironina (T3), tiroxina (T4) e tiroxina livre (FT4)) pela técnica de quimioluminescência. Aos três meses após o parto foi aplicada a Escala de Edinburgh para Detecção de Depressão Pós-Parto. As concentrações hormonais medidas nas amostras coletadas 2 dias após o parto foram analisadas. O modelo elaborado incluiu como variáveis principais as concentrações dos nove hormônios considerando-se variáveis de confundimento a idade da mãe, o sexo do bebê, o tipo de parto e um eventual histórico anterior de depressão. O histórico prévio de depressão ($p = 0,0036$), a concentração de progesterona ($p = 0,035$) e a concentração de TSH ($p = 0,019$), assim como a associação de um histórico prévio de depressão com a concentração de TSH ($p = 0,073$) apresentaram efeitos significantes sobre o desenvolvimento de DPP. Para aquelas mulheres que nunca sofreram de depressão, uma concentração elevada de progesterona dois dias após o parto pode estar associada a um risco maior de DPP. Como já foi relatado na literatura, uma depressão anterior aparece como um fator de risco considerável para a depressão pós-parto. Além disso, para estas mães com histórico prévio de depressão, uma baixa concentração de TSH aumenta significativamente este risco de DPP. Nossos resultados sugerem a possibilidade de uma detecção precoce do risco de DPP, semanas antes da aparição dos sintomas.

Projeto subsidiado pela FAPESP - processo 06/59192-2

Palavras-chave: Depressão pós-parto, hormônios, prevenção

P

SMENTAL

3º Apresentador: Maria de Lima Salum e Morais

DEPRESSÃO MATERNA E SEUS EFEITOS SOBRE INDICADORES DE DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR DO BEBÊ NO PRIMEIRO ANO DE VIDA. Maria de Lima Salum e Morais (Instituto de Saúde, São Paulo, SP).

Estudos sobre o impacto da depressão pós-parto (DPP) na interação mãe-bebê sugerem que um dos efeitos mais importantes diz respeito ao comprometimento nas trocas face a face. A capacidade de regulação mútua da díade mãe-bebê nas trocas intersubjetivas determina em parte o curso do desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança. Embora grande parte dos trabalhos a respeito do tema evidencie o risco que representa a depressão para a mãe e para o desenvolvimento de seu bebê, os dados não são inequívocos, havendo pesquisas

cujos achados demonstram que diversos fatores podem compensar os efeitos da depressão no comportamento parental. Alguns desses fatores são: por parte da mãe, o apoio familiar e do companheiro, a habilidade em tamponar os sintomas depressivos em sua relação com o bebê, a duração e gravidade da depressão e, por parte do bebê, o temperamento, a resiliência, o tempo que passa com a mãe, entre outros. O presente trabalho teve dois objetivos principais: verificar o efeito da depressão medida no terceiro mês após o parto pela Escala de Depressão Pós-parto de Edimburgo (EDPE) sobre indicadores do desenvolvimento infantil no quarto, oitavo e 12º mês de vida do bebê e comparar o efeito do momento da depressão materna (medida no 3º. e no 8º. mês após o parto) sobre o desenvolvimento da criança aos 12 meses de idade. Foram estudadas 78 díades, sendo 25% das mães avaliadas como portadoras de sinais de DPP no 3º mês após o parto e 23 % no oitavo mês de vida do bebê. O roteiro das entrevistas e/ou observações da díades consistiu de itens adaptados das escalas de Denver, Gesell-Amatruda, M-Chat e de Indicadores de Risco para o Desenvolvimento Infantil de (IRDI). Constatou-se pior desempenho de bebês de mães com depressão medida no 3º. mês após o parto em: dois indicadores interacionais aos quatro meses, dois indicadores motores aos oito meses; e em um indicador motor amplo aos doze meses. Contudo, filhos de mães com DPP mostraram melhores resultados em um indicador de motricidade fina e em dois de linguagem aos 12 meses. O quadro é bastante diverso quando se analisam os efeitos sobre o desenvolvimento das crianças aos 12 meses quando a mãe está deprimida no oitavo mês: os filhos dessas mães mostraram desempenho inferior ao daquelas não deprimidas em dois aspectos interacionais, um de linguagem e dois motores amplos, desaparecendo as diferenças favoráveis aos filhos de mães deprimidas nos aspectos de linguagem. Conclui-se que: (i) foi pequeno o efeito da DPP sobre o desenvolvimento das crianças, remetendo à necessidade de analisar outros fatores que possam estar mediando as relações mãe-bebê; (ii) o momento e/ou a duração da depressão são fatores importantes a se considerar em estudos a respeito da influência da depressão materna sobre o comportamento da criança.

Projeto subsidiado pela FAPESP - processo 06/59192-2

Palavras-chave: Depressão pós-parto, desenvolvimento infantil

P

DES, SMENTAL